

UMA ABORDAGEM SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO E CONSUMO DE PSICOTRÓPICOS EM CAMPINA GRANDE-PB.

VALERIA VERAS RIBEIRO¹
CIBELE AUGUSTO DE SOUZA²
DARLLE SOARES SARMENTO²
JANDERLEY JOSÉ DE MATOS²
SYLVANA ALVES ROCHA²

1. Farmacêutico-bioquímico, professor titular de Fisiologia Humana, Departamento de Farmácia e Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, Avenida Floriano Peixoto 718, Centro, Campina Grande, PB. CEP 58101-001.
E-mail do autor responsável: ribeiromaciel@ig.com.br
2. Acadêmicos do Curso de Farmácia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB.

INTRODUÇÃO

A automedicação é um procedimento caracterizado fundamentalmente pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter, ou produzir e utilizar um produto que, acredita, lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas, conforme Paulo e Zanine, 1988. Segundo Hainer *et al.*, 2000, devido ao desenvolvimento tecnológico ter revolucionado o modo pelo qual os pacientes têm acesso a informações sobre cuidados com a

saúde. Possibilitou também, que estes consigam detalhes sobre a terapêutica a utilizar.

Para Szyllejko, 1984; Weiss *et al.*, 1992; Hayran *et al.*, 2000; Stoelben *et al.*, 2000; Stupay & Silvertsen, 2000, nos países desenvolvidos, cresce o número de adeptos dessa prática não regulamentada.

A própria imprensa divulga a facilidade na obtenção de medicamentos por meios onde não há a utilização da prescrição médica. Na maioria das vezes, a automedicação está relacionada à

inacessibilidade aos meios de saúde, à elevação dos custos dos medicamentos. Por isto, está havendo atualmente a procura por formas alternativas de medicação, geralmente não orientada por profissionais de saúde.

É relatado por Cohen, 2000, que o lugar de destaque que os medicamentos têm ocupado no cenário nacional deve-se à crise em que se encontra o setor de saúde, motivada pelo constante aumento de preços, baixa qualidade, fraudes e falsificações dos medicamentos, tornando a dotação orçamentária quase sempre insuficiente, como também, a consulta médica resulta, quase sempre numa prescrição de medicamentos, muitas vezes, excessiva e o empobrecimento da população, aumentando a demanda ao sistema público de assistência à saúde.

Conseqüentemente, estes fatos contribuem para a manutenção e até o aumento da crise nos sistemas de saúde, fazendo com que grande parte da população recorra a locais de venda de medicamentos para contornar seus problemas de saúde, portanto se auto medicando. Conforme Arrais *et al.*, 1997, no Brasil, de acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA) - hoje, Febrafarma -, cerca de 80 milhões de pessoas se automedicam.

No presente trabalho, pretendeu-se, através de formulários, obter informações para demonstrar a automedicação e o consumo de psicotrópicos na cidade de Campina Grande – PB.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram entrevistadas pessoas, com auxílio de um formulário sem identificação do entrevistado. Nas perguntas, optou-se por avaliar formas de automedicação em nossa sociedade, como: a obtenção de drogas diretamente nas farmácias, utilização de remédios por conta própria, por indicação de terceiros (leigos), de remédios caseiros, procura ou não de orientação, através do farmacêutico, quando se vai à farmácia, como também avaliar a procura da cura, através da religião, como um processo alternativo de medicação (automedicação).

Foi abordada a avaliação do uso de psicotrópicos, observando a forma de aquisição, pois são drogas de “tarja preta” e controladas por receituário especial-B (receita azul). Esta pesquisa foi realizada, em vários pontos centrais da cidade, por amostragem aleatória com cota de participantes por sexo (50% masculino/50% feminino), com possibilidade de diferentes padrões sócio-econômicos. Foram computadas 396 entrevistas válidas. Idade mínima de 13 e máxima de 77 anos.

Os critérios de inclusão foram: pessoas de ambos os sexos, acima de 13 anos, primeira a passar, logo após a última entrevista. Foram excluídos os formulários incompletos ou que davam margem a dúvidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se que 36,34% dos entrevistados não vão ao médico. Quando apresentam algum problema de saúde, se automedicam, fator constatado por Murad *et al.*, 2002. Diversos autores advertem sobre os riscos da automedicação (Goodman *et al.*, 2001; Henry & Crowther, 2002).

Dentre as formas de automedicação, as mais prevalentes foram “procurar uma farmácia e pedir um remédio (12,12%)”, “tomar remédio por indicação de parentes ou amigos (9,34%)” e “tomar remédio caseiro (8,83%)”. A automedicação acontece em substituição à consulta médica (Dupuy & Karsenty, 1979).

Existem fatores sócio-culturais que influenciam tais atitudes, como: as baseadas em prescrições anteriores, principalmente

no caso de doenças crônicas (Shenkel, 1991); a propagação nos veículos de comunicação que, em sua maioria, somente retrata uma situação demonstrativa da eficácia simbólica do medicamento (Lefèvre, 1987); a própria prescrição médica, quando esta apresenta o medicamento ao paciente, dando-lhe o papel de resolver o problema relatado ou eliminar os sinais e sintomas, portanto cria-se o conceito de que tal medicamento cura tal enfermidade (Lefèvre, 1987). O sucesso do tratamento estimula as pessoas a reproduzi-lo, para si próprias e para as outras. Então, este fato é agravado pela facilidade de aquisição de medicamentos sem apresentação da prescrição.

Constatou-se que, entre os meios de automedicação, houve prevalência de “tomar remédio por indicação de parentes ou amigos”, embora a percentagem seja semelhante em ambos os sexos. No uso de medicamentos de indicação restrita, verificou-se que 12,11%, obtiveram esses produtos sem prescrição médica, fato surpreendente, visto que estes fármacos necessitam de receituário médico especial.

Quando se indagou sobre o uso de medicamentos nos últimos 15 dias, 41,60% dos entrevistados responderam afirmativamente, sendo 41,45% do sexo masculino e 44,04% do sexo feminino, principalmente na faixa etária de 21-30 anos. Deste total, 47,3% usaram medicamento sem consulta médica (50% do sexo masculino e 44,7% do sexo feminino, predominando a faixa etária de 13-20 anos.

No Brasil, a automedicação tem um significado abrangente, no qual se inserem as diversas formas pelos quais o paciente decide, por si mesmo, qual o medicamento, quando e como deve tomar. Para Paulo & Zanini, 1988, existem fatores individuais e interesses sócio-econômicos que estimulam esta prática. Observou-se que 40,90% do total dos entrevistados possuem farmácia caseira, havendo predominância no sexo feminino (46,63%).

O uso de remédios caseiros é prática rotineira, em nosso meio, sendo parte integrante da cultura popular. Largamente utilizados, eles são encontrados à venda em mercados populares, esquinhas e ruas. O remédio caseiro, muitas vezes, é tido como milagroso, que cura todos os males (Gordon, 1988). É enorme a gama de espécies potencialmente venenosas em nossa flora e, muitas vezes, na tentativa de preparar medicamentos caseiros, ao invés de benefícios, acabam por causar danos à saúde.

Verificou-se que apesar de a farmácia ter um profissional para orientar os pacientes, a não procura foi de 48,90%, indicando que o farmacêutico pode vivenciar um conflito entre a atividade comercial do estabelecimento farmacêutico e a ética profissional. Este profissional, para minimizar o processo da automedicação, deve selecionar os medicamentos de venda livre com base em evidências científicas de eficácia e segurança, e não com base na pressão comercial (Emmertson & Berimog, 1994; Herxheimer & Britten, 1994).

Em todas as entrevistas realizadas, percebe-se que a avaliação de automedicação, através da religião, as pessoas quase não utilizaram esse meio de cura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRAIS, P. S. D.; COELHO, H. L. L.; BATISTA, M. C. D. S.; CARVALHO, M. L.; REGHI, R. E.; ARNAU, J. M. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev. Saúde Pública* v.31. n.1, 1997.
- COHEN, J. *Public policies in the Pharmaceutical sector: A case study of Brazil*. The World Bank Latin America and the Caribbean Regional Office Human Development Department LCSHD, Paper Series n.54, 2000.
- DUPUY, J. P.; KARSENTY, S. A.; *Invasão farmacêutica*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

- EMMERTON, L.; BERIMOG, S. I. Dimension of pharmacists preferences for cough and cold products. *International Formulary Pharmacy Pract*, v.3, p.27-33, 1994.
- GOODMAN, L. S.; GILMAN, A.; HARDMAN, J. G.; LIMBIRD, L. E.; GILMAN, A. G. *The pharmacological bases of the therapeutics*. 10 ed. New York: McGRAW-HILL, 2001.
- GORDON, N. *O Físico*. Rio de Janeiro: Rocco. 1988.
- HAINER, M. I.; TSAI, N.; KAMURA, S. T.; CHIU, C. L. Fatal hepatorenal failure associated with hydrazine sulfate. *Ann. Intern. Med.*; v.133, n.1, p. 877-80, 2000.
- HAYRAN, O.; KARAVUS, M.; AKSAYAN, S. Help seeking behavior and self-medication of a population in an urban area in Turkey: cross sectional study. *Croat. Med. J.* September 2000, 41 (3): 327-32.
- HENRY, A.; CROWTHER, C.; Patterns of medication use during and prior to pregnancy: The MAP study. *Aust. N. E. Obstetgynaecol.* v.40, n.2, p.165-72, 2002.
- HERXHEIMER, A.; BRITTEN, N. Formulary for self care. *British Journal of General Practice*, v.44, p.339-340, 1994.
- LEFÉVRE, F. A oferta e a procura de saúde imediata através do medicamento a proposta de um campo de pesquisa. *Rev. Saúde Pública* v.21, p.64-67, 1987.
- MURAD, J. E. SALGADO, R. S.; GONÇALVES, R. M.; NAVARRO, P. D.; SILVA, F. F. Perfil da automedicação e do consumo de psicotrópicos em Belo Horizonte. *Pharmacia Brasileira* v.31, p.36-41, 2002.
- PAULO, L. G.; ZANINI, A. C. Automedicação no Brasil. *Revista Associação Médica Brasileira*, v.34, p.69-75, 1988.
- STOELBEN, S.; KRAPWEIS, J.; ROSSLER, G.; KIRD, W. Adolescents' drug use and drug knowledge – England. *Eur. J. Pediatr.* v.159, n.8, p.608-14, 2000.
- STUPAY, S.; SILVERTSEN, L. Herbal and nutritional supplement use in the elderly. *Nurse Pract.* v.25, n.9, p.56-64, 2000.
- SZYLLJEJKO, O. The use of un-prescribed medicine in Warsaw during the years 1970-1980. *Drug Intel. Clin. Pharm.* v.18, n.4, p.745-7, 1984.
- WEISS, R. D.; GRIFFIN, M. L.; MIRIN, S. M. Drug abuse as self-medication for depression: an empirical study. *Am. J. Drug Alcohol Abuse.* v.18, n.2, p.121-9, 1992.